

Alto preço dos livros

14 — 4 — 1946

"(...) Ontem mesmo, Dr. Rômulo ausentou-se de PL levando consigo (...) "O Caminho Oculto" e "Os Filhos do Grande Rei". São trabalhos simples, de sabor infantil, mas que, se lançados com desenhos próprios e vivos, ao que acredito, despertarão muitas idéias novas nos pequeninos leitores. Deus te dê forças para receberes serenamente as acusações gratuitas dos nossos amigos do grupo "nada serve". Acham preço alto nos livros edificantes, mas a grande maioria paga excessivamente por inutilidades, em cada dia. Soube, há poucos dias, que, em Belo Horizonte, cada entrada para o cinema ou para o futebol custa entre cinco e nove cruzeiros. Compreendo, pois, que será impossível produzirmos livros que eduquem, a preços desprezíveis. Assim, só peço a Jesus te ajude a suportar os calhaus da incompreensão humana.

Dr. Rômulo vai entregar os livros ao Quintão, logo surja a oportunidade... (...)"

Apenas cinco dias depois de informar a Wantuil da psicografia dos dois livros infantis, Chico volta a escrever, desta vez dando notícias do término da tarefa. Os livros já estão a caminho, levados pelo Dr. Rômulo.

Chico pede a Deus que fortaleça a Wantuil para que ele possa superar com serenidade as acusações dos amigos do grupo "nada serve". Como se observa, já àquela época a FEB era acusada do alto preço dos livros. Muito boa a ponderação de Chico ao comparar o preço do livro espírita com o de uma entrada para o cinema ou o futebol. Em nossos dias, a situação ainda é a mesma. Embora o livro espírita seja mais barato que os de literatura comum, de qualquer editora, ainda há quem ache exorbitante o preço cobrado. Esquecem-se de que manter uma editora espírita, fazendo-se concessões no aspecto comercial e visando sempre o interesse maior da Doutrina — como é o caso da FEB —, é tarefa sacrificial. Somente o idealismo puro, o amor à Doutrina Espírita e ao labor na seara do Mestre conseguem vencer as tremendas dificuldades operacionais de uma obra dessa ordem.

Segundo o raciocínio de Chico Xavier, comparemos o preço do livro espírita com o do ingresso para o cinema, teatro ou futebol. Comparemos o que pagamos e o produto que recebemos em troca. Especialmente nos dias em que vivemos, em que o cinema e o teatro são veículos de uma subliteratura, de uma "arte" (?) desequilibrada e desequilibrante.

Comparemos também o preço de uma revista, dessas de maior circulação. Vejamos o seu preço. Analisemos então o seu conteúdo, a matéria que ela nos oferece, o que divulga, o que defende e prega através de suas páginas coloridas. Com vertiginosa rapidez essa mesma matéria se torna superada e em uma semana outras virão para substituí-la. Em sete dias, a maior parte do que foi lido no número anterior já terá sido esquecido. Em trinta dias ninguém mais se lembrará de nada. E por incrível que pareça, tais revistas estão custando quase o mesmo preço de um livro espírita. Algumas são até mais caras!

Chico nos alerta há quase quarenta anos: pagamos excessivamente por inutilidades, todos os dias. E reclamamos do preço do livro espírita...

"Assim (arremata Chico), só peço a Jesus te ajude a suportar os calhaus da incompreensão humana."

Ainda hoje os amigos do grupo "nada serve" prosseguem atuantes.

Recordemo-nos de que se em nosso dia-a-dia estamos sempre achando que "nada serve" (principalmente no que se refere ao trabalho de nossos companheiros), nada está bom e nada presta, o mal não está no mundo que nos cerca, mas, sim, em nós mesmos.

Emmanuel, pregador de cartazes do Reino

21 — 4 — 1946

"(...) Foi uma nota de alegria a tua informação inicial do sonho dos cartazes. No fim da carta, li a tua referência às notícias do Ismael e ri-me bastante. Emmanuel afirmou, de fato, a um exaltado companheiro, que ele, Emmanuel, nada faz e que é um simples "pregador de cartazes convidando à festa do Reino". E acrescentou que ele não foi ainda pessoalmente convidado à festa, mas que está espalhando cartazes por ordem superior. Achei também a idéia muito engraçada. (...)

Muito grato pelas tuas instruções, quanto à cláusula a ser observada nos direitos a serem concedidos a outras entidades doutrinárias. Espero, porém, que não precisaremos pensar nisso, senão muito raramente, pois a Casa de Ismael está à nossa frente, recordando-nos a extensão de nossos deveres para com ela. Vou entender-me com os nossos companheiros do Abrigo Batuíra sobre o assunto. Muito grato ao teu carinhoso cuidado de sempre. (...)"

Um sonho e uma passagem verídica estão registrados por Chico Xavier, que escreve com alegria sobre ambos.